

A Educação Revolucionária de Rojava: A Pedagogia da Autonomia Curda

Janet Biehl

21/05/2019

“Você precisa se educar 24 horas por dia para aprender como discutir, aprender como decidir coletivamente. Você tem que rejeitar a ideia de que precisa esperar que algum líder venha e diga às pessoas o que deve fazer e, em vez disso, aprender a exercitar o autogoverno como uma prática coletiva... As pessoas se educam umas às outras. Quando você coloca dez pessoas juntas e pede uma solução para um problema ou propõe uma pergunta, elas buscam coletivamente uma resposta. Eu acredito que desta maneira eles encontrarão o caminho certo. Essa discussão coletiva os tornará politizados.”- Salih Muslim, copresidente do PYD, novembro de 2014.

Após a revolução de julho de 2012, quando novas instituições autogovernadas chegaram ao poder em Rojava, a necessidade de um novo tipo de educação foi primordial. Não que o povo do Curdistão Ocidental não tivesse educação – as taxas de conclusão do ensino médio eram e são muito altas lá, como a Delegação Acadêmica aprendeu durante nossa visita de dezembro de 2014. Mas a educação foi crucial para criar a cultura revolucionária na qual as novas instituições poderiam prosperar. Não é uma questão apenas para crianças e jovens, mas também para adultos, até mesmo para os idosos.

Como Aldar Xelil, membro do conselho de Tev-Dem, nos explicou, o projeto político de Rojava não é “apenas mudar o regime, mas criar uma mentalidade para levar a revolução à sociedade. É uma revolução para a sociedade.” Dorşin Akif, professora da academia, concordou: “A percepção precisa ser mudada”, ela nos disse, “porque a mentalidade é muito importante para nossa revolução agora. A educação é crucial para nós.”

A primeira questão que a revolução teve que enfrentar foi a linguagem da instrução. Durante quatro décadas, sob o regime de Assad, as crianças curdas tiveram que aprender árabe e estudar em árabe. A língua curda foi banida da vida pública; ensinando que era ilegal e poderia ser punido com prisão e até tortura. Então, quando os curdos sírios tomaram suas comunidades em suas próprias mãos, eles imediatamente iniciaram o ensino da língua curda. A primeira dessas escolas a abrir foi a Escola de Şehîd Fewzî no cantão de Efrîn, seguida por outras em Kobanê e Cizîre. Em agosto de 2014, Cizîre tinha 670 escolas com 3.000 professores oferecendo cursos de idioma curdo para 49.000 alunos.

Em 8 de dezembro, nossa delegação visitou a primeira e única instituição de educação superior de Rojava, a Academia de Ciências Sociais da Mesopotâmia, em Qamislo. O regime de Assad não permitia tais instituições nas áreas curdas; esta foi inaugurado em setembro de 2014 e ainda está em construção.

O ensino e as discussões são, em grande medida, feitas em curdo, embora as fontes muitas vezes sejam em árabe, uma vez que muitos textos essenciais ainda não foram traduzidos para o curdo.

Reunimo-nos com vários membros da administração e do corpo docente, incluindo a reitora, Rojda Firat, e os professores Adnan Hasan, Dorisî Akif, Medya Doz, Mehmod Kalê, Murat Tolhildan, Serhat Mosis e Xelil Hussein.

Um desafio que a academia enfrenta, nos disseram, é que as pessoas no nordeste da Síria acham que precisam ir para o exterior para obter uma boa educação. “Queremos mudar isso”, nos disse um instrutor ao colocar que esta realidade seria uma noção inculcada pelas forças hegemônicas. “Não queremos que as pessoas se sintam inferiores quanto ao local onde moram. No Oriente Médio há uma enorme quantidade de conhecimento e sabedoria, e estamos tentando descobri-la. Muitas coisas que aconteceram na história aconteceram aqui”.

O ano letivo consiste em três períodos, cada um com duração de três a quatro meses, que vão desde a visão geral dos assuntos até a especialização e os projetos finais. O currículo compreende principalmente história e sociologia. Por que esses assuntos? nós perguntamos. Eles são cruciais, nos disseram. Sob o regime, “nossa existência [como curdos] foi abnegada. Estamos tentando mostrar que existimos e fizemos muitos sacrifícios ao longo do caminho... Nós nos consideramos parte da história, sujeitos da história”. A instrução busca “descobrir histórias de povos que foram marginalizados... criar uma nova vida para superar os anos e séculos de escravidão do pensamento que foram impostos às pessoas”. Em última análise, seu propósito é “escrever uma nova história”.

O currículo de sociologia toma uma posição crítica em relação ao positivismo do século XX, e procura desenvolver uma nova ciência social alternativa para o século XXI, o que Abdullah Öcalan chama de “sociologia da liberdade”. Para seus projetos finais, os estudantes escolhem um problema social particular, em seguida, pesquisam e escrevem uma tese sobre como resolvê-lo, em conexão com esta alternativa. Portanto, tanto o aprendizado prático quanto o intelectual busca servir a um bem social.

Ao contrário das abordagens ocidentais convencionais, a pedagogia da academia rejeita a transmissão unidirecional de fatos. Na verdade, não separa rigorosamente professores e alunos. Os professores aprendem com os alunos e vice-versa; idealmente, através do discurso intersubjetivo, chegando a conclusões compartilhadas. Nem os instrutores são necessariamente professores; são pessoas cuja experiência de vida lhes deu *insights* que podem transmitir. Um professor, por exemplo, narra contos populares uma vez por semana. “Queremos que os professores nos ajudem a entender o sentido da vida”, nos disseram. “... Nós nos concentramos em dar significado às coisas, sermos capazes de interpretar e comentar, bem como analisar”.

Os alunos fazem os exames, mas esses exames não medem o conhecimento – eles são “mais como lembretes, como diálogos”. E os próprios professores estão sujeitos à avaliação dos alunos. “Você não explicou isso muito bem”, um estudante pode dizer. Um professor que é criticado tem que discutir a questão com o aluno até que ambos sintam que se entendem.

De muitas maneiras, a abordagem da academia me lembrou das ideias educacionais desenvolvidas pelo filósofo americano do século XX, John Dewey (1859-1952). Como os instrutores de Rojava, Dewey criticou as abordagens tradicionais, nas quais os professores transmitem fatos unidirecionalmente aos alunos passivos. Em vez disso, ele considerava a educação como um processo interativo, no qual os alunos exploram questões sociais por meio de críticas buscando um consenso com seus professores.

Dewey provavelmente aprovaria o fato de que a academia, em vez de exigir que os alunos memorizem, os ensina a “reivindicar” ou superar a separação. “Nós enfatizamos que todos são sujeitos.” Além disso, instila hábitos de aprendizagem ao longo da vida: “Nosso objetivo é dar aos alunos a capacidade de se educarem”, além da graduação, Dewey também pensou que a aprendizagem deveria abordar a pessoa integralmente, não apenas o intelecto; que deveria destacar nossa condição humana comum; e que deve continuar ao longo da vida.

A academia procura não desenvolver o profissionalismo, mas cultivar a pessoa completa. “Acreditamos que os seres humanos são organismos, eles não podem ser cortados em partes, separados em ciências”, um instrutor nos disse. “Um pode ser escritor ou poeta e também estar interessado em economia, entenda isso, porque os seres humanos são parte de toda a vida.”

Por décadas, as escolas do regime Baath, com seu foco nacionalista, tinham como objetivo criar uma mentalidade autoritária. A Academia Mesopotâmica tem a intenção de superar esse passado sombrio “ajudando a criar indivíduos livres e pensamentos livres”. Mais uma vez me lembrei de Dewey, que também rejeitou a noção de que o propósito da educação é criar trabalhadores dóceis para locais de trabalho hierárquicos. Em vez disso, ele pensou que a educação deveria ajudar os alunos a preencher toda a gama de sua potencialidade humana.

A Academia Mesopotâmica não encoraja o profissionalismo; no entanto, mostra aos estudantes como maximizar seus interesses econômicos. Nos Estados Unidos, hoje muitos estudantes de ponta dirigem-se a Wall Street para carreiras como banqueiros de investimento, mas a educação em Rojava não tem por objetivo “construir uma carreira e enriquecer”. Em vez disso, os alunos da academia aprendem a se perguntar como enriquecer a sociedade.”

John Dewey achava que o propósito final da educação era criar seres reflexivos que participassem eticamente como cidadãos na comunidade democrática; e que a educação deveria, portanto, ser uma força para a reforma social. Como se estivesse ecoando esse pensamento, um dos instrutores comentou com nossa delegação: “Quando fazemos ciência da sociedade, o que estamos tentando fazer é lutar pela liberdade social”.

Nenhum dos professores da Academia Mesopotâmica mencionou John Dewey, e não tenho motivos para pensar que eles soubessem de sua abordagem; certamente eles chegaram a isso de forma independente. Mas a semelhança era impressionante.

Fiquei também impressionada com mais uma coincidência. Em meados do século XX, as ideias de Dewey influenciaram várias escolas experimentais nos Estados Unidos. A mais notável foi o Goddard College, localizado no centro de Vermont, que nos anos 1960 e 1970 foi pioneira na educação de Dewey. Durante a maior parte da década de 1970, um dos professores do Goddard College foi Murray Bookchin, onde ensinou suas ideias sob o nome de “ecologia social”. Bookchin não escreveu muito especificamente sobre educação, mas as traduções de seus escritos sobre democracia e ecologia influenciaram Abdullah Öcalan e o Confederalismo Democrático, a ideologia geral com a qual Rojava está comprometida.

Academia Yekitiya Star, Rimelan

A Academia Feminina (Academia Yekitiya Star), em Rimelan, impulsiona ainda mais a abordagem educacional da Academia Mesopotâmica. Fundada em 2102, sua finalidade é educar quadros revolucionários femininos, então naturalmente sua ênfase na ideologia é mais pronunciada. A delegação acadêmica a visitou em 3 de dezembro de 2014.

Nos últimos trinta anos, o instrutor Dorşin Akif nos disse que as mulheres participavam do movimento de libertação curda primeiro como combatentes, depois nas instituições das mulheres. Há três anos, as mulheres curdas produziram a Jineolojî, ou “a ciência das mulheres”, que consideram o ponto culminante dessa experiência de décadas. Na academia de Rimelan, as estudantes recebem primeiro uma visão geral de Jineolojî, “o tipo de conhecimento que foi roubado das mulheres” e que as mulheres de hoje podem recuperar. “Estamos tentando superar a inexistência de mulheres na história. Tentamos entender como os conceitos são produzidos e reproduzidos dentro das relações sociais existentes, então chegamos ao nosso próprio entendimento. Queremos estabelecer uma verdadeira interpretação da história, olhando para o papel das mulheres e tornando as mulheres visíveis na história”.

Jineolojî, disse Dorşin, considera as mulheres “como o principal ator da economia, e a economia como a principal atividade das mulheres”. No entanto, a modernidade capitalista define a economia como a principal responsabilidade do homem. Mas dizemos que isso não é verdade, que sempre e em toda parte as mulheres são os principais atores da economia. “Por causa dessa contradição básica, parece que a modernidade capitalista acabará sendo superada”.

A forma como as pessoas interpretam a história, afetam a maneira como elas agem, disse Dorşin, então “falamos sobre a organização social pré-suméria. Também observamos como o estado surgiu historicamente e como o conceito foi construído”. Mas o poder e o estado não são os mesmos. “O poder está em toda parte, mas o estado não está em todo lugar. O poder pode operar de maneiras diferentes”.

O poder, por exemplo, está presente na democracia de base, que nada tem a ver com o Estado. E Jineolojî considera as mulheres como essencialmente democráticas. A Star Academy educa os estudantes (que ainda são em sua maioria mulheres) em Rojavan sob a educação cívica. “Nós olhamos para os mecanismos políticos – parlamentos de mulheres, comunas de mulheres; e os parlamentos [mistos] gerais, as comunas gerais, os parlamentos de bairro. Aqui em Rojava nós sempre temos os mistos e exclusivos das mulheres. Nos mistos, a representação das mulheres é de 40% e há sempre uma co-presidência para garantir a igualdade”.

Na Academia Star, como na Academia Mesopotâmica, os alunos aprendem a se ver como sujeitos, com “o poder de discutir e construir”. “Não há professor e aluno. A sessão é construída sobre o compartilhamento de experiências. ”Os alunos variam de adolescentes à bisavós. “Alguns se formaram em universidades e alguns são analfabetos. Cada um tem conhecimento, tem verdade em sua vida e todo conhecimento é crucial para nós. ...A mulher mais velha tem experiência. Uma mulher de dezoito anos é o espírito, a nova geração, representando o futuro”.

Cada programa culmina em uma sessão final chamada plataforma. Aqui cada estudante estabelece e diz como vai participar da democracia de Rojava. Ela se juntará a uma organização, ou ao YPJ, ou participará de um conselho de mulheres? Que tipo de responsabilidade ela assumirá?

Nós perguntamos a Dorşin sobre os ensinamentos da academia sobre gênero (uma palavra que não existe em curdo). “Nosso sonho”, ela disse, “é que com as mulheres participando e construindo a sociedade, irão mudar os homens, um novo tipo de masculinidade irá emergir. Conceitos de homens e mulheres não são biológicos – somos contra isso. Nós definimos o gênero como masculino e masculinidade em conexão com o poder e hegemonia. É claro que acreditamos que o gênero é socialmente construído”.

Além disso, explicou ela, o problema da mulher não é exclusivamente da mulher; “Está embutido na sociedade, então a exclusão das mulheres é o problema da sociedade. Então, temos que redefinir as mulheres, a vida e a sociedade ao mesmo tempo. O problema da liberdade das mulheres é o problema da liberdade da sociedade”.

Dorşin citou uma frase de Öcalan, “Mate o homem”, que se tornou uma palavra de ordem, significando “o homem masculino tem que mudar”. Igualmente, a subjetividade colonizada das mulheres, ou feminilidade, deve ser morta. A ambição social incorporada pela academia é superar a dominação e o poder hegemônico e “criar uma vida igual em conjunto”.

Quanto impacto esses ensinamentos têm sobre a sociedade de Rojava como um todo? Essa pergunta não posso responder e deixarei para futuros pesquisadores determinar.

Biblioteca Anarquista



Janet Biehl

A Educação Revolucionária de Rojava: A Pedagogia da Autonomia Curda
21/05/2019

Adquirido em 17/06/2019 de <https://arebeliao.wordpress.com/2019/05/21/a-educacao-revolucionaria-de-rojava-a-pedagogia-da-autonomia-curda/>

Janet Biehl cresceu em Cincinnati, Ohio, e frequentou a Wesleyan University (turma de 1974) e o Graduate Center da City University of New York (1987). Ela foi colaboradora e companheira de Murray Bookchin de 1987 até sua morte em 2006. Biehl ganha a vida como editora de livros freelance. Ela também é pintora, gravadora e artista gráfica, residente em Burlington, Vermont.

bibliotecaanarquista.org